O Mundo em Português Nº11 & 12

Agosto/Setembro 2000

A Sociedade Informacional segundo Castells

Luís Moita

Reflexão sobre:

"The Information Age - Economy, Society and Culture",

Manuel Castells,

Blackwell Editions; 1996

Temos dificuldade em imaginar o que é o trabalho de um autor que prepara uma obra durante doze anos de pesquisa e de reflexão. Foi o caso de Manuel Castells, um conhecido sociólogo catalão, da Universidade de Berkeley na Califórnia, que esteve recentemente em Portugal para intervir sobre a construção da identidade europeia, no âmbito das actividades da Presidência portuguesa da UE. Ele já tinha um prestígio garantido pelas suas análises em diversos campos da sociologia, mas tornou-se um autor de referência a partir da edição do seu livro em três volumes "A era da informação: economia, sociedade e cultura", publicado nos Estados Unidos em 1996, traduzido em diversas línguas e editado em Espanha em 1997-98. Os subtítulos dos três volumes são respectivamente: "A sociedade rede", "O poder da identidade" e "Fim de milénio".

É possível que a escolha destes títulos resulte de alguma concessão às conveniências do mercado, mas isso não nos deve iludir: estamos perante um trabalho de grande densidade, assente numa pesquisa empírica considerável e com um rigor de análise que não chega a ser prejudicado pela vastidão dos temas abordados.

A nossa atenção deve debruçar-se sobre esta obra por duas razões mais relevantes. Por um lado, ela traça-nos uma grelha de leitura para a compreensão das sociedades contemporâneas e das suas evoluções mais recentes. Por outro, dela se extrai uma capacidade de análise especialmente penetrante sobre o relacionamento internacional na actualidade. Em suma: em que mundo vivemos e que interacções nele se desenrolam.

Manuel Castells, como se podia prever, dedica um grande número de páginas às transformações tecnológicas. Distingue com precisão as inovações decisivas nos domínios da microelectrónica e da informática, das telecomunicações e da optoelectrónica, bem como, em geral, das ciências da vida e das biotecnologias. Todavia, como bom sociólogo, Castells não entende as mudanças sociais como meros resultados da evolução técnica, como se as sociedades fossem mecanicamente determinadas pela tecnologia. Graças a um processo interactivo, a sociedade modela e é modelada pela tecnologia.

Daí o conceito que usa de "sociedade informacional" para qualificar a realidade que hoje tende a prevalecer. Desde a telemática até à biologia genética, o que está em jogo é informação – isso é de tal modo penetrante que a informação dá origem a um novo modo de desenvolvimento. "No modo de produção industrial – escreve o autor – a principal fonte de produtividade é a introdução de novas fontes de energia e a capacidade de descentralizar a sua utilização durante a produção e os processos de circulação". Em contraste, "no novo modo de desenvolvimento informacional (Castells prefere claramente a expressão "sociedade informacional" a essa outra de "sociedade da informação"), a fonte da produtividade assenta na tecnologia da geração do conhecimento, no processamento da informação e na comunicação de símbolos".

Estamos assim a sair da sociedade industrial, em transição para a sociedade informacional. Logicamente, a indústria não está em vias de acabar, como a agricultura não acabou quando se deu a passagem para a industrialização. Mas o tipo de produção industrial tende a deixar de ser dominante e a confirmar-se essa tendência a transição será profunda, não só na organização da economia e no domínio da cultura, como ainda na esfera do poder, logo da política.

Um dos traços característicos dessa transição é o predomínio das redes, tema que tem sido vulgarizado em certos meios, mas cujo aprofundamento parece útil. Castells sintetiza assim uma das suas conclusões gerais: "como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação organizam-se cada vez mais em torno de redes". Por rede entenda-se um conjunto de nós interconectados, formando estruturas abertas, muito dinâmicas, de geometria variável, flexíveis e adaptáveis. "A inclusão/exclusão das redes e a arquitectura das relações no seu interior, facilitada pelas tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e as funções dominantes nas nossas sociedades".

As redes são de tipo muito variado. Verificam-se nos mercados das bolsas e nos fluxos financeiros globais. Manifestam-se na intrincada teia de conselhos de ministros e de comissários que governam a União Europeia. Podem observar-se nos tentáculos da produção de coca ou de heroína e da distribuição mundial do narcotráfico. Existem na transmissão de sinais de rádio e de televisão e no sistema de satélites à escala planetária. Em geral, a sua predominância determina novos modos de viver e de pensar, de agir e de interagir, com poderosos reflexos na organização do trabalho, na estrutura das empresas e no estilo de gestão que elas exigem, no sistema mundial de trocas, na redefinição dos centros de decisão e de poder.

A natureza do actual processo de globalização é porventura dificilmente compreensível sem a ajuda destes conceitos de sociedade informacional e de sociedade rede. A ideia de globalização atravessa necessariamente a obra de Manuel Castells, multiplicando-se as análises a esse respeito, tanto nas esferas económico-empresarial e sobretudo especulativo-financeira, como no terreno das identidades culturais, já que a mundialização dos processos está longe de eliminar, antes parece contribuir para reforçar, os particularismos de pequena escala e as identidades étnicas.

Tudo isto representa um contributo para a compreensão das relações internacionais e do sistema mundial contemporâneo. Porque, como vimos, o que muda não é apenas a configuração de cada sociedade, mas também o modo da sua interacção com as restantes.

De entre os numerosos tópicos destacados por Castells, relevantes para esse aprofundamento da realidade mundial, permito-me destacar dois que parecem especialmente sugestivos: a análise do processo de transição na ex-URSS e o capítulo acerca da situação africana.

Quanto à antiga URSS, parece importante explicar o colapso daquela que foi superpotência militar, a terceira economia do planeta, "o maior produtor mundial de petróleo, de gás e de metais preciosos, e o único país autosuficiente em recursos energéticos e matérias primas". Manuel Castells evita qualquer explicação linear, mas entende que se deu o esgotamento do modelo extensivo de crescimento económico, mercê de um conjunto de factores que interagiram entre si.

O bloqueio político e a pressão do complexo militar-industrial juntaram-se aos constrangimentos da economia centralmente administrada para impedir a

criatividade cultural e a mobilidade social susceptíveis de conduzir à inovação tecnológica. O antigo campo socialista falhou assim a sua passagem para a sociedade informacional: "Defendo que a crise galopante que sacudiu os alicerces da economia e da sociedade soviéticas a partir dos anos setenta foi a expressão da incapacidade estrutural do estatismo e da variante soviética do industrialismo para assegurar a transição para a sociedade da informação".

No que diz respeito ao continente africano, Castells tem uma visão particularmente pessimista, falando da desumanização da África e da "marginalização e integração selectiva da África subsariana na economia informacional/global". Há uma coincidência histórica, não fortuita mas estrutural, entre a generalização do capitalismo informacional e o desmembramento das economias, a desintegração de numerosos Estados e a desestruturação das sociedades africanas. A África está a um tempo mais absorvida e mais excluída pelo sistema mundial.

Tal juízo crítico não poupa os dirigentes africanos. Com frequência o Estado em África tornou-se um Estado predador, um Estado vampiro, um Estado "inteiramente patrimonializado pelas elites políticas para seu benefício pessoal".

Estas breves notas apenas pretendem estimular a leitura de uma obra densa, documentada, lúcida, onde transparece o claro/escuro do nosso mundo contemporâneo, nas suas promessas e nas suas ameaças.